

Existem hoje forças a nível mundial que adulteram a verdadeira cultura: tecnologia, meios de comunicação social, militarização global, desfrute da natureza.

O choque dessas forças com o Evangelho requer uma oposição clara e decisiva, dado que elas levam mais á morte que á vida. A "resistência", na fidelidade ao Evangelho, faz parte da evangelização.

É preciso que a comunidade eclesial sinta o dever e a coragem de propalar uma cultura que saiba conjugar as exigências peremptórias do Evangelho com as necessidades da sociedade em que vive; uma cultura da fraternidade, da partilha, da solidariedade, da transcendência, do serviço, da gratuidade.

---

### **Encontramo-nos novamente na mesma situação que os cristãos afrontaram durante a decadência do mundo antigo**

---

Nós, cristãos desta época, encontramo-nos novamente na mesma situação que os cristãos afrontaram durante a decadência do mundo antigo. Tudo depende da nossa capacidade de comunicarmos nossa esperança a um mundo em que o homem se encontra isolado e desesperado frente às forças monstruosas que

ele próprio criou para realizar seus projetos, mas que agora, furtadas ao seu controle, ameaçam destruí-lo.

A tarefa, que está aberta sobretudo aos leigos, é imensa: abrange todos os setores da vida e todos os ambientes da sociedade. Ela refere-se à cultura do mundo no sentido mais amplo do termo, isto é, à cultura que designa o modo de viver de uma sociedade, que exprime a alma de um povo, que manifesta os valores comuns de um grupo social e revela a mentalidade típica de uma época. Nós podemos perceber que a cultura, entendida neste sentido antropológico, é uma realidade em construção e em contínua evolução: exige portanto um esforço contínuo, para que possa ser humanizada e evangelizada.

*Endereço do autor:*  
*Seminário Teológico do PIME*  
*cx postal 5054*  
*88040-970 FLORIANÓPOLIS SC*

#### **Nota do Redator:**

Confira, sobre o tema deste artigo, o estudo intitulado "Evangelização e Inculturação hoje", de Reginaldo D. Alves e Luís A. SOCHIARELLI, no número anterior deste revista (ENCONTROS TEOLÓGICOS n. 12, 1992/1, pp. 15-16)

## **A FORMAÇÃO SACERDOTAL EM SANTA CATARINA**

### **2ª PARTE: OS SEMINÁRIOS MAIORES**

*Pe. José Artullno Besen*  
*Prof. de História da Igreja*

Nota prévia: A 1ª parte deste estudo, focalizando "Os Seminários Menores Diocesanos", saiu no nº 10 desta revista (ENCONTROS TEOLÓGICOS n. 10, 1991/1), p. 29-33

#### **1. As primeiras experiências**

Aos tempos da Colônia e do Império, em virtude do Padroado, a formação sacerdotal competia ao Estado. Os primeiros sacerdotes aqui vindos, receberam a formação sacerdotal em Portugal mesmo, outros no Açores, pois vários sacerdotes acompanharam os "casais açorianos" nas imigrações do séc. XVIII. Era um clero de qualidade diversa: houve daqueles (estamos falando dos seculares) que receberam ótima formação em Coimbra, dotados de índole apostólica, houve daqueles que "entraram em Ordens" apenas para escaparem dos Tribunais Cíveis. Outras vezes, a formação se reduzia a lições de Casuística e ao aprendizado de "dizer Missa e confessar". Nestes casos, algumas semanas ou meses eram mais que suficientes.

Padres aqui vieram por espírito apostólico, padres aqui vieram com o mesmo interesse dos colonizadores: ganhar dinheiro, fazer fortuna. Não nasceram da imaginação as queixas dos jesuítas contra alguns padres seculares que "por sua devassidão e cobiça" atrapalhavam o esforço evangelizador.

Os seminários propriamente ditos começaram após o 1º Sínodo brasileiro, ocorrido em São Salvador da Bahia em 1707. Fruto deste Sínodo foram a "Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia", adotadas depois pelas poucas Dioceses brasileiras até inícios da República. Foi a primeira experiência de legislação pastoral e canônica livre da tutela de Lisboa.

As "Constituições Primeiras", seguindo as recomendações do Concílio de Trento, estimularam a criação de seminários, que se multiplicaram graças à obra do Pe. Malagrida SJ. Praticamente todos estavam ao encargo da Companhia.

---

### **O Marquês de Pombal fechou e deixou sem professores todos os seminários**

---

Por isso mesmo, foi trágica a expulsão dos Filhos de Santo Inácio, em 1759. De um clero numerosamente significativo — eram 2790 sacerdotes para 2.700.000 habitantes, à razão de 1 sacerdote por mil habitantes — 1590 religiosos foram mandados de volta para a Europa! Com seu gesto, o Marquês de Pombal fechou e deixou sem professores todos os seminários.

O que fazer? Limitou-se ao mínimo a formação do Clero. Na Arquidiocese da Bahia eram algumas semanas ou meses de lições de Casuística, dadas por um professor leigo, pago pelo Estado. Pode-se imaginar o nível cultural, moral e religioso de tais sacerdotes!

As grandes distâncias, o pouco contato com o Bispo, a falta de um planejamento pastoral, faziam com que o sacerdote levasse uma vida isolada, cada vez mais pobre espiritualmente,

apelando progressivamente para o amancebamento. O pagamento insuficiente dado pelo governo, apesar do grande lucro dos Dízimos, levava muitos a preferirem morar nas cidades e exercer outras ocupações, alheias à vida sacerdotal.

O Marquês de Pombal planejou fazer de Portugal e suas colônias um Estado capitalista, segundo o modelo inglês, e um dos pressupostos políticos era a soberania do Estado como instância suprema da vida social. Este pressuposto não deixava espaço para outras instâncias de influência no contexto nacional. Deste modo, a Igreja se restringiria ao âmbito do privado, não passando de mais um departamento da organização estatal. Sua esfera de atuação seria unicamente o privado.

Um dos passos fundamentais para alcançar este objetivo foi banir a influência dos Jesuítas, que fundamentalmente detinham o controle das Escolas. Para isso, Pombal aliou-se às Cortes européias no movimento de difamação e perseguição a esta Ordem religiosa, que terminou com sua expulsão das Colônias, e depois sua supressão pura e simples.

O Alvará régio de 28 de junho de 1759 decretou a extinção de todas as escolas regidas pelo método pedagógico jesuítico, desestruturando o sistema escolar vigente, e deixando principalmente os índios à mercê dos interesses políticos e econômicos portugueses. Em 1772 saiu o novo regime de instrução pública, que colocava o Estado como agente único do processo pedagógico, terminando com a influência da Igreja católica no campo educacional e também civil.

---

### ***A formação dos sacerdotes esteve profundamente ligada a todo esse processo***

---

Durante o século XIX, o Brasil independente, que herdou a mesma concepção de Estado soberano, procurou, com enormes dificuldades, estruturar seu sistema de ensino. A maior dificuldade na sua implantação estava ligada à importação de um modelo estranho à mentalidade brasileira, pois foi o modelo francês que se quis implantar aqui, esquecendo-se os legisladores que a França já era um país adiantado econômica e socialmente.

A formação dos sacerdotes esteve profundamente ligada a todo esse processo: os padres deveriam receber uma formação que os deixasse ligados à mesma concepção de Estado soberano, contentando-se em ser funcionários do Estado a serviço da religião.

Os manuais escolares de Coimbra, primeiro, e depois nos Seminários do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo e Olinda, são de proveniência regalista e jansenista, doutrina condenada pela Igreja, mas que servia bem aos propósitos de formação de uma Igreja nacional, em sua soberania sem vínculos com Roma. Para os teólogos e juristas brasileiros, o Padroado era uma emanção da soberania do Estado, e não concessão de Roma.

### **2. No séc. XVIII, o Seminário do Rio Comprido, no Rio de Janeiro**

Em 1739 foi instituído o Seminário São José, no Rio Comprido, Rio de Janeiro, o mais antigo Seminário do Brasil. Dele falam, em 1823, os viajantes franceses Spix e Martius: "é o melhor Colégio ... onde, a par do latim, do grego, do francês, do inglês, da retórica, da geografia e da matemática, também se ensinava filosofia e teologia"<sup>1</sup>.

O Seminário São José inicialmente se inspirava nos princípios da reforma tridentina, mas no decorrer do século XIX recebeu influência sempre mais decisiva das doutrinas regalistas e jansenistas, especialmente durante o episcopado de Dom José Caetano da Silva Coutinho (1803-1833). Introduziu como

compêndio para os estudos teológicos um dos textos mais famosos da doutrina jansenista, as "Institutiones Theologicae ad usum Scholarum accomodatae" (1780), do oratoriano J. Valla, mais conhecido como "Theologia de Lião". A Nunciatura Apostólica, em 1803, protestou inutilmente contra a adoção desse Manual, que flagrantemente contrariava as orientações da Igreja.

---

### ***Os sacerdotes catarinenses do Império foram homens de vasta cultura***

---

No campo da Teologia Moral, Dom José Caetano estabeleceu um plano de estudos em que se aprofundava o conhecimento dos atos humanos, das leis e da consciência.

As elites brasileiras – civis e religiosas – anteriormente formadas em Coimbra, trouxeram para o Brasil este espírito, e o aplicaram na formação sacerdotal. A Mesa Censória vedava a importação de livros que não obedecessem aos cânones de fé e disciplina nacionais<sup>2</sup>. Padres, frades, bispos, monges, todos recebiam esta formação.

Dom Felix Maria de Freitas e Albuquerque (1863-1869), ao reformar o Seminário, dividiu o curso de formação em duas partes: o preparatório com duração de 6 anos (que incluía, além das outras disciplinas, o estudo da Filosofia), e o curso superior, de 4 anos, dedicado ao conhecimento mais propriamente teológico, compreendendo Teologia Moral e Dogmática, História Sagrada, Direito Canônico, etc.

Foi no Seminário do Rio Comprido que estudaram por muito tempo os seminaristas catarinenses, pois o atual Estado de Santa Catarina esteve subordinado à Diocese do Rio de Janeiro até 1892. Conforme já escrito acima, alguns receberam bolsas de estudo do governo da Província, e outros tiveram os estudos custeados pela família. As vocações ao estado eclesiástico provieram de famílias com certa influência, e ter um sacerdote conferia prestígio.

Os sacerdotes catarinenses do Império foram homens de vasta cultura, se comparados com o ambiente onde viviam. Eram homens do Império, inseridos no contexto político da época. Sua atuação não pode ser comparada com a de um sacerdote nos dias de hoje, pois estava voltada para a administração do Departamento estatal chamado Igreja.

Os imigrantes do século XIX, já acostumados na Europa com um clero mais religioso, pastoral, estranharam esses sacerdotes burocratas, trajando à paisana, sustentando suas famílias.

### **3. No século XIX, o Seminário da Luz, em São Paulo**

Em 1856 Dom Antônio Joaquim de Mello funda, em São Paulo, o Seminário Episcopal de Sant'Ana, ou Seminário da Luz. Para dirigi-lo, Dom Joaquim de Mello traz Capuchinhos franceses, da Província de Sabóia, designados por Pio IX. Apesar de sua formação regalista, Dom Joaquim se decidiu por uma formação católica e eclesiástica, daí a orientação confiada aos Capuchinhos romanizados. O antigo clero regalista protestou veementemente contra a nova orientação eclesiástica, mas o Bispo não se intimidou, excomungando a diversos sacerdotes. Visitou todas as Paróquias da Diocese, o que praticamente não era feito desde 1801, tentando chamar às ordens o clero concubitário.

É do Seminário de São Paulo que vão sair os primeiros Bispos responsáveis pela Igreja de Santa Catarina: Dom José de Camargo Barros, Dom Duarte Leopoldo e Silva e Dom Joaquim Domingues de Oliveira, os dois primeiros, Bispos de Curitiba, e o último, segundo Bispo e primeiro Arcebispo de Florianópolis.

Vão orientar suas Igrejas no novo espírito, católico e eclesiástico, romano.

Quando Dom José de Camargo Barros, em 1894, assumiu a Diocese de Curitiba (Paraná-Santa Catarina), deparou-se com o problema de sacerdotes. Encontrou 53 padres diocesanos, alemães, poloneses, belgas, franceses, italianos, e apenas 7 brasileiros. Sua impressão não foi das melhores: *"Apesar de tão poucos, há entre eles não poucos alcoólatras, concubinários, e até envolvidos em crimes. Horrendum sane! Antes os seculares vestiam roupas seculares. Este costume está sendo cortado"*.<sup>3</sup>

Dom José inaugurou o Seminário São José, de Curitiba, a 19 de março de 1896, confiando-o aos Lazaristas. Um de seus diretores foi Mons. João Borges Quintão, eleito primeiro Bispo de Florianópolis, mas que renunciou pouco antes da Sagração, já em Roma, optando por assumir publicamente seu casamento.

Desagrada a Dom José que o Seminário também recebesse alunos preparando-se para a vida civil. Logo cortou esse problema, para que a formação fosse estritamente eclesiástica. Até 1899 tinha ordenado apenas 2 sacerdotes para sua vasta Diocese!<sup>4</sup>

#### 4. Em inícios do século XX, o Seminário de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul

Dom João Becker, primeiro Bispo de Florianópolis (1908-1912), resolveu enviar os poucos candidatos ao sacerdócio para o Seminário Nossa Senhora da Conceição, maior e menor, em São Leopoldo RS. Confiado aos Jesuítas alemães, era uma casa rigorosa de formação sacerdotal, preparando os candidatos para serem homens de Igreja.

O Prospecto do Seminário, escrito em 1913, é muito claro: *"O fim do Seminário é proporcionar aos candidatos ao estado sacerdotal desta Província Eclesiástica Porto-alegrense, uma educação religiosa, moral e científica que os torne operários esforçados na vinha do Senhor e dignos ministros de Cristo. Quem, pois, quiser entrar no Seminário, penetrar-se-á da grandeza da vocação que vai abraçar, fazendo de conta que será agregado a uma phalange de moços escolhidos que, por amor de Deus, se dedicam com todas as veras à aquisição de sólidas virtudes e conhecimentos, afim de serem, depois de formados e ordenados, portadores das luzes e consolações de nossa Santa Religião"*.<sup>5</sup>

É neste Seminário que a maioria do clero diocesano catarinense recebeu sua formação, até a década de 50. Quando foi fundado o Seminário Menor Arquidiocesano de Azambuja, em 1927, ali se transmitia a formação filosófica, continuando-se a teológica em São Leopoldo.

### **O Seminário Nossa Senhora da Conceição marcou profundamente o clero catarinense lá formado**

O Seminário Nossa Senhora da Conceição marcou profundamente o clero catarinense lá formado e as paróquias que passaram a dirigir. Basicamente a Igreja catarinense ainda é um reflexo desta formação voltada para o espiritual, a disciplina e a eclesialidade.

Entre os anos de 1931 e 1948 a Arquidiocese de Florianópolis enviou alguns candidatos para o Seminário Arquiepiscopal de Mariana MG e o Seminário Central do Ipiranga SP.

#### 5. Em 1954, o Seminário de Viamão, no Rio Grande do Sul

A Arquidiocese de Porto Alegre inaugurou, em 1954, o Seminário Maior de Viamão, moderno, com capacidade para 500 seminaristas, estudantes de Filosofia e Teologia. Seu prospecto, em linhas gerais, era idêntico ao de São Leopoldo, e recebia alunos de todo o Estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, pois este último, sem outra saída, optara por continuar enviando seus seminaristas ao Rio Grande.

Em linhas gerais, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, no que respeita à Arquidiocese de Florianópolis, não estava muito satisfeito com a orientação de Viamão, no seu entender, excessivamente liberal. Nutria certa dificuldade de diálogo com o Arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, a quem, numa carta não muito cortês, escreveu: *"Quando V. Excia. Revma. andava de calças curtas pelo interior do Rio Grande, eu andava pelo interior de Santa Catarina, mas em Visita Pastoral!"* A revista O SEMINÁRIO, porta-voz dos estudantes, de grande aceitação pelos Seminários brasileiros, desagradava-o sobremaneira. Sua forma literária, abandonando cânones clássicos, o conteúdo moderno e ágil, a colocação franca dos novos problemas da Igreja, tudo isso deixava preocupado o Arcebispo.

Nessa época começava a se impor o novo espírito que animará o Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965). O Papa João XXIII (1958-1963), com seu ar de bondade e abertura ao mundo, animava esse espírito. O Seminário de Viamão experienciava com entusiasmo o novo clima.

O Episcopado catarinense, por sua vez viu que chegara a hora de encontrar uma solução própria para a formação sacerdotal de seus seminaristas. Parecia claro que, finalmente, deveria ser em Santa Catarina. Não foi desta vez, porém, que isso aconteceu. Vai-se para o Paraná.

#### 6. Em 1965, o Seminário Catarinense "Paulinum", em Curitiba

Em 1964 os seminaristas de Joinville e Florianópolis seguiram para Curitiba, hospedando-se no Seminário Maior "Rainha dos Apóstolos". Solução provisória, enquanto não ficavam prontas as instalações do Seminário Maior Catarinense.

### **A história do PAULINUM se identificou com a história da renovação conciliar**

Finalmente, em 1965, inaugura-se no bairro do Ahú, em Curitiba, o PAULINUM, Seminário da Província Eclesiástica de Santa Catarina. Os estudos eram realizados no Instituto Filosófico e Teológico de Curitiba (IFTC), mantido pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), em 1968 chamado Instituto Teológico de Curitiba (ITC), passando a Filosofia a ser cursada, primeiro no Rainha dos Apóstolos e depois na Universidade Federal do Paraná.

A história do PAULINUM se identificou com a história da renovação conciliar, vivenciando seus momentos de alegria e de incerteza. Seus alunos receberam uma formação teológica experimental, pois se estava buscando um novo modo de fazer Teologia numa Eclesiologia do Povo de Deus, participativa. Além disso, tinham caído por terra as centenárias certezas sobre a formação sacerdotal, baseadas no cultivo das virtudes, do espírito de Igreja e na disciplina. Agora se queria a corresponsabilidade, a discussão sobre o regimento interno, a possibilidade de um trabalho pastoral nas Paróquias, simultâneo à formação. Foi tempo

de provação e de paciência para os formadores, e tempo de provação e paciência para os formandos.

O PAULINUM ofereceu à Igreja catarinense um clero mais secularizado, moderno, preocupado antes com as questões pastorais propriamente ditas, e menos com os conteúdos teológicos. Basicamente anti-intelectualista.

### **7. Em 1973, o ITESC, em Florianópolis**

Permanecia viva na Igreja catarinense a idéia de formar os padres catarinenses em Santa Catarina. Florianópolis já possuía uma certa vivência cultural através de sua Universidade Federal, criada em 1962. Em 1969 Dom Afonso Niehues, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, escreveu ao Magnífico Reitor da Universidade Federal, Prof. Davi Ferreira Lima, perguntando da possibilidade de se criar na UFSC uma Faculdade de Teologia. A legislação brasileira não permite, porém, que uma instituição pública financie uma Escola Confessional, uma Teologia aberta exclusivamente à formação católica.

Tomou-se a decisão de, logo que fosse possível, abrir um Teologado na capital catarinense.

Em 1970, os seminaristas que terminaram o Seminário Menor não foram para Curitiba e passaram a freqüentar outros Cursos superiores, no âmbito mesmo de suas Dioceses, dando preferência aos Cursos de Estudos Sociais.

---

### **Em 1973 foi inaugurado em Florianópolis o Instituto Teológico de Santa Catarina**

---

Enfim, coroando um longo processo de busca, em 1973 foi inaugurado em Florianópolis o Instituto Teológico de Santa Catarina, o ITESC, tendo como instituição mantenedora a Fundação Dom Jaime de Barros Câmara. O ITESC foi assumido por todas as Dioceses catarinenses.

A Universidade Federal de Santa Catarina, através de um convênio, se comprometeu a ceder salas para as aulas.

Para residência dos seminaristas, contava-se com uma casa construída pela Arquidiocese de Florianópolis, o Convívio Emaús. Com os recursos da venda do PAULINUM, e mais outra contribuição da Igreja alemã, foi construído um grande Seminário, no bairro do Pantanal, inaugurado em 1979. Assim, apesar de residirem num mesmo conjunto, os seminaristas formavam pequenas comunidades, com formador próprio. Posteriormente os seminaristas acharam que a solução da grande comunidade não era a ideal, preferindo residir mais no meio do povo, vivenciando, ao menos teoricamente, seus problemas. Após muita discussão entre os Bispos, a sugestão foi aceita e, a partir de 1989 as Dioceses passaram a manter Seminários próprios no bairro adjacente, desativando-se o grande Seminário, inaugurado 10 anos antes.

O novo Instituto de Teologia, tendo como primeiro diretor o Pe. Paulo Bratti, nasceu no meio de um conflito com o Regional Sul IV da CNBB. Para a organização pastoral, o Regional tinha optado pelo método da Criatividade Comunitária, por isso desejando que as Disciplinas do Curso teológico seguissem a mesma orientação. De seu lado, Pe. Paulo Bratti só assumiria a direção se a Teologia englobasse as disciplinas tradicionais de um curso de Teologia. A decisão foi neste sentido, mas não contando com o entusiasmo do Regional Sul IV, que viu no ITESC o ressaibo de uma Teologia conservadora.

Se o PAULINUM nasceu sob o signo das mudanças conciliares, a caminhada do ITESC foi marcada pela irrupção da

Teologia da Libertação, preconizando um empenho sempre maior da Igreja no campo das transformações sociais.

Chapecó, em 1986 iniciou um curso de Teologia no âmbito da própria Diocese, mas continuando a integrar a Fundação Dom Jaime de Barros Câmara.

### **8. Formação filosófica**

Posteriormente constatou-se que a solução de cada Diocese, no sentido de os seminaristas freqüentarem outros Cursos superiores que não a Filosofia, não tinha sido a melhor.

Em Brusque, a Fundação Educacional (FEBE), sob a orientação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, mantinha um Curso de Estudos Sociais que praticamente incluía todas as Disciplinas filosóficas. Então decidiu-se que para lá seriam enviados os seminaristas.

Assim, em 1978 o Seminário Menor de Azambuja passou a hospedar os candidatos ao sacerdócio de outras Dioceses que, em 1982, se transferiram para o Seminário Filosófico Catarinense (SEFISC), na cidade de Brusque, também mantido pela Fundação Dom Jaime de Barros Câmara. A Diocese de Tubarão preferiu continuar os estudos superiores na Fundação Educacional de Santa Catarina (FESC), na cidade de Tubarão.

Deve-se ter presente, também, que desde 1935 alguns seminaristas foram enviados para realizar seus estudos filosóficos e teológicos na Europa, notadamente na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, hospedando-se no Colégio Pio Brasileiro. Nesse ano de 1935 o jovem Afonso Niehues, aluno da primeira turma do Seminário de Azambuja, dirigiu-se à Cidade Eterna para estudar Teologia e Direito Canônico.

Foi o início de uma tradição, somente interrompida na década de 60, de sempre ter algum seminarista ou padre estudando em Roma. Na década de 70, mais precisamente em 1970, retomou-se o costume. Praticamente todos os professores do Instituto Teológico de Santa Catarina freqüentaram algum Instituto romano.

A Diocese de Joinville preferiu mandar alguns de seus estudantes para Friburgo, na Suíça.

### **Conclusão**

Cada seminário imprime características próprias nos futuros sacerdotes. O que acarreta uma sadia diversidade no ambiente presbiteral e na vida interna das Igrejas diocesanas.

Em rápidas pinceladas podemos afirmar que os padres egressos do Seminário Imaculada Conceição, de São Leopoldo, foram marcados pelo sentido de disciplina próprio dos jesuítas. São homens de Igreja para a Igreja, movimentando-se com fidelidade uniforme ao interno da instituição.

---

### **Cada seminário imprime características próprias nos futuros sacerdotes**

---

Os que tiveram a formação em Viamão, vivenciaram o criativo espírito pré-conciliar e conciliar. Retratam o ambiente criativo quer da sociedade quer da Igreja, no final da década de 50 e inícios de 60. Valorizaram a formação humana e intelectual, não se contentando apenas com a formação filosófico-teológica. Sentiram mais vivamente a abertura da Igreja para o mundo e procuraram concretizá-la na pastoral.

Sobre os padres do PAULINUM de Curitiba, já falamos: homens do pós-concílio, tiveram de, pessoalmente, enfrentar a árdua tarefa de encontrar novos caminhos de formação e de vida sacerdotal, respondendo continuamente à pergunta: "qual a imagem do presbítero para os dias de hoje?"

Os sacerdotes formados no ITESC (255 até junho de 1992) viveram e vivem os desafios da Igreja de Medellín e Puebla, da Teologia da Libertação. Se Viamão e Curitiba prepararam padres abertos para o mundo, o ITESC vê-se envolvido no desafio maior de formar presbíteros para uma igreja que opta preferencialmente pelos pobres. O social entra decisivamente neste desafio.

---

**O ITESC vê-se envolvido no desafio maior de formar presbíteros para uma igreja que opta preferencialmente pelos pobres**

---

O futuro dirá dos acertos e carências. Também deve-se ter presente que a formação de um padre abrange toda a sua existência, não se mumificando a partir do momento em que deixa os bancos escolares. A História questiona ininterruptamente.

Causa estranheza o fato de, no espaço de poucos anos, terem sido tentadas soluções tão diferentes para a formação presbiteral. Uma das características das últimas décadas aliás, caracterizadas por tantas transformações ao interno da vida eclesial,

foi justamente a procura de soluções novas para novas situações, que novamente se apresentam como provisórias.

**NOTAS**

(1) MASSINI, Marina – *O Ensino de Psicologia nos Seminários Episcopais do Rio de Janeiro e São Paulo*, no séc. XIX. CELAM-PUC-Curitiba, Seminário sobre a Evangelização na América Latina, 1990. Texto xerocado.

(2) LIMA, Maurício César de – *O Seminário Arquidiocesano de São José*. Agir, Rio de Janeiro, 1ª ed., 1974, p. 49-50.

(3) Relatório para a Visita ad Limina, elaborado a 10 de abril de 1899. Texto latino, no Arquivo Eclesiástico de Curitiba.

(4) Relatório para a Visita ad Limina, idem.

(5) Prospecto no Arquivo Histórico-Eclesiástico de Florianópolis.

*Endereço do autor:*

*Casa Paroquial do Saco dos Limões  
rua João Mota Espezim s/n  
88045-400 FLORIANÓPOLIS SC*

**RECENSÃO<sup>1</sup>**

## **O PROFETA DA ESPERANÇA**

### **A VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II E A BEATIFICAÇÃO DE MADRE PAULINA**

MOACIR PEREIRA, Edt. Lunardelli, Fpolis 1992.

*Dom Afonso Niehues*

*Arcebispo Emérito de Florianópolis*

Feliz iniciativa a do jornalista MOACIR PEREIRA de registrar em livro o excepcional momento histórico que foi a Visita do Papa João Paulo II a Florianópolis em outubro de 1991. Um acontecimento sem precedentes em nosso Estado: a primeira visita de um sucessor de São Pedro em quase 2000 anos de Cristianismo e a primeira Beatificação realizada em terras brasileiras. Tais eventos, pelo seu significado e pela sua raridade, não devem cair no esquecimento. Ninguém melhor do que MOACIR PEREIRA, experiente e vibrante comunicador cristão e católico, para gravar em páginas de fé e emoção toda a trajetória de João Paulo II pela Ilha de Santa Catarina. Para os que tivemos a sorte e a graça de participar desses extraordinários momentos, o livro evoca uma detalhada, grata e comovente recordação; pra os que não puderam comparecer, presta uma contagiante, valiosa e confortadora informação.

---

**Em suas viagens apostólicas, o Papa João Paulo II, vem para cumprir sua missão de Pastor**

---

Em suas viagens apostólicas, o Papa João Paulo II, embora também chefe de Estado, sempre frisa que vem para cumprir sua missão de Pastor, portanto de Mensageiro do Evangelho; e sabe fazê-lo no genuíno espírito dos Apóstolos. Mesmo em ambientes mergulhados em múltiplas crises, como as do Brasil, por exemplo, consegue desempenhar sua missão com absoluta isenção, tranquilidade e segurança. Não somente não se compromete politicamente, nem se envolve em problemas internos do país, como anuncia com destemor os valores perenes do Evangelho,

e traça a orientação da Igreja em todas as questões éticas e morais que, em última análise, encontram a sua raiz nos ensinamentos do próprio Cristo. É geral a impressão de que se trata verdadeiramente de um "João de Deus", místico, profundo e tranqüilo, seguro de suas idéias, inspirador de esperança e de paz.

Em seus diversos pronunciamentos em nossa capital, ressaltou, por entre a temporalidade de nossa existência, os valores transcendentais, aqueles que não passam e que devem continuar a ser o parâmetro no julgamento de tudo o que nos cerca e envolve durante nossa caminhada terrestre. Mostrou ser um autêntico missionário, um verdadeiro arauto do Reino de Deus.

Por ocasião da Beatificação de Madre Paulina, afirmou: "O que mais se destaca na vida dos santos é a sua capacidade de despertar o desejo de Deus".

No Encontro Ecumênico, na presença de dezenas de diferentes Confissões religiosas Cristãs, após relembrar a oração de Jesus na última Ceia para que "todos sejam um só", acrescentou: "Estas palavras queimam em nosso coração, constituem para todos um programa e um dever iniludíveis".

---

**O livro de MOACIR PEREIRA traz, além disso, um enriquecimento importante**

---

Ao falar às Religiosas sobre a vivência concreta dos conselhos evangélicos, conclamou sem rodeios: "Minhas filhas, é fundamental vosso papel nesta imensa tarefa da nova evangelização a que Deus nos convoca neste final de milênio.